

A PARTICIPAÇÃO DOS BANDEIRANTES NA FUNDAÇÃO: DE CIDADES GOIANAS SURGIDAS EM FUNÇÃO DO OURO

Ramir Curado

Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis Para os Povos do Cerrado (Icebe)
Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG)
curadoramir@gmail.com

Foi no século XVIII e início do XIX que sertanistas paulistas e portugueses, no comando de africanos e ameríndios escravizados, realizaram descobertas auríferas no leito de diversos rios que resultaram nos primeiros núcleos de povoamento nos moldes coloniais no imenso território que formou a capitania de Goiás. Mas quais foram esses homens? Como e onde foram organizados os seus empreendimentos colonizadores? Quais foram esses núcleos de povoamento e o que restaram deles? É o que vamos verificar nesse estudo.

A busca por pedras e metais preciosos e por mão-de-obra escrava foram os motivos das incursões pela região central do atual território brasileiro a partir do final do primeiro século de ocupação portuguesa na América do Sul, num avanço que revogou, primeiro na prática e depois na documentação, o tratado de Tordesilhas. Ampliava-se assim a colônia de Portugal em detrimento de áreas que, devido a esse acordo internacional, pertenciam a Espanha. E entre tais áreas onde ocorreu a expansão lusitana estavam as que hoje pertencem a Goiás e Tocantins, cujos espaços territoriais atuais seriam bem menores sem elas.

Apesar de ser o objeto de incursões sertanistas desde o final do século XVI, o futuro território goiano-tocantinense só se estruturou como uma região administrativa da capitania de São Paulo a partir de 1726, dela se desmembrando em 1748 quando se tornou uma capitania subordinada ao Governo Geral do Brasil, situado na cidade de Salvador, Bahia.

Liderou o processo inicial de colonização do futuro território goiano o bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva, que herdou de seu pai o nome e o apelido de Anhanguera. Forçado a deixar as suas lavras em Pitangui (MG) devido ao conflito que o

seu genro, o paulista Domingos Rodrigues do Prado, teve com as autoridades reinóis, Bueno filho regressou para São Paulo depois de ter garimpado durante vinte anos nas Minas Gerais. Organizou então uma bandeira rumo ao sertão dos índios Goiás que visitara aos doze anos de idade em companhia de seu pai, certo de que nesse lugar encontraria as minas de ouro cujo produto viu reluzir nas mulheres dessa tribo, sendo que ao partir para essa nova aventura estava com 67 anos de idade.

Carregando na frente uma bandeira na qual provavelmente se via a coroa real lusitana, o grupo de sertanistas liderados pelo cabo da tropa, capitão Bartolomeu Bueno da Silva filho, partiu da cidade de São Paulo no dia 3 de julho de 1722. Participavam dessa expedição mais de cento e cinquenta homens, inclusive indígenas. A expedição de Bueno tinha o seu Pero Vaz de Caminha na figura do alferes português José Peixoto da Silva Braga. Entrevistado no ano de 1734, provavelmente em Congonhas do Campo, pelo padre Diogo Soares que havia sido designado por El rei de Portugal como cartógrafo oficial para registrar as “notícias práticas” dos descobrimentos e aventuras nos sertões, Braga lhe prestou um relato minucioso sobre a jornada da Bandeira do Anhanguera filho desde a sua partida de São Paulo de Piratininga até o seu desligamento dessa empresa sertanista dez meses depois da partida e de ter tomado o rumo fluvial de Belém do Pará. Mas enquanto Silva Braga se desligava desse grupo, apesar de bastante desfalcada pelas deserções e principalmente pelas mortes seus componentes, a bandeira continuou, sob a liderança de Bueno filho, rumo ao seu objetivo final que era reencontrar o local onde estivera quando criança com o seu pai. Dessa parte mais longa da jornada do segundo Anhanguera temos o relato dele próprio que, numa carta dirigida ao governador da capitania de São Paulo, D. Rodrigo César de Menezes, afirma que depois de viajar durante três anos e três meses pelo sertão, principalmente o de Goiás, ele entrou em São Paulo no dia 21 de outubro de 1725, com 40 dos 150 homens que com ele tinham partido, para comunicar às autoridades o descobrimento de ouro em cinco ribeirões, o que lhe conferiu, conforme o Regimento das Terras Mínerais então em vigor o título e as regalias de descobridor de minas auríferas.

O tempo aparentemente excessivo que durou essa expedição, interpretado por alguns estudiosos apenas como fruto dos limites que a memória daquele bandeirante, já idoso, lhe impôs na busca do lugar onde estivera quando criança, é interpretado de outra forma por Paulo Bertran. Para esse historiador, o Anhanguera filho havia aprendido em sua

labuta nas Minas Gerais, a localizar jazidas auríferas no leito dos rios situados nos pés de serra. Por isso, procurou durante os três anos em que, aparentemente, vagou sem rumo pelo sertão goiano, conhecer o sistema orográfico dessa região como o fito de uma vez nela instalado, orientar outras bandeiras rumo a essas minas. Bertran ressalva que Bueno filho não poderia comunicar a todos esse seu plano, até porque ele não confiava totalmente em alguns de seus companheiros de jornada, principalmente nos portugueses de cujo financiamento necessitava para sua bandeira, mas sobre os quais tinha muito pouca confiança uma vez que, à semelhança de seus conterrâneos paulistas, tivera com eles sérias desavenças nas Minas Gerais¹.

Novamente em São Paulo, agora com as atribuições legais necessárias e a fama de bom sertanista, o Anhanguera filho logo organizou uma nova bandeira, que em 1726 seguiu diretamente para o vale do rio Vermelho no sopé da serra Dourada onde, dia 26 de julho desse mesmo ano, fundou o arraial de Sant'Ana, atual Cidade de Goiás. Pouco tempo depois, na confluência desse rio com o dos Bugres, o Anhanguera iniciou o arraial da Barra, atual Buenolândia. Nessa época chegaram na região centenas de pessoas oriundas principalmente de São Paulo e das Minas Gerais para se dedicarem em sua maioria à mineração. Com um crescimento populacional muito rápido ocasionado por esse fluxo humano constante surgiram, ainda na década de 1720, os arraiais de Ouro Fino, Ferreiro, Anta, descoberto pelo sertanista F. Calhamares, e Santa Rita na aurífera bacia do rio Vermelho, todos eles subordinados mais tarde ao julgado de Vila Boa.

Com um afluxo tão grande de novos mineradores, Bueno filho, no uso de suas atribuições de Superintendente Geral das Minas, a partir de 1729 começou a enviar aos sertões novas expedições sob o comando de alguns daqueles 40 bandeirantes remanescentes de sua primeira bandeira, nos quais via a capacidade de liderança para explorarem agora as inúmeras lavras auríferas ocultas naqueles cursos d'água por eles encontrados durante os três anos em que percorreram o futuro território goiano. A primeira dessas expedições sertanistas o Anhanguera a confiou ao seu genro, o paulista João Leite da Silva Ortiz, que em 1729 descobriu as minas de ouro dos rios Claro e Pilões que deram origem ao extinto arraial de Pilões, em cujas proximidades surgiu no século

¹ BERTRAN, Paulo. História da Terra e do Homem no Planalto Central, p. 63-64.

seguinte, a cidade goiana de Iporá. Ainda em 1729 o sertanista João Gorino fundou o arraial de Guarinos, hoje cidade goiana de Guarinos, que pertenceu ao julgado de Pilar.

Em 1730, Bueno filho enviou duas bandeiras agora para a região dos Pireneus. Uma delas, sob o comando do paulista Diogo Pires Moreira, descobriu no final da seca desse ano, mais precisamente no dia 8 de setembro, uma jazida aurífera no rio Corumbá que deu origem ao arraial homônimo, atual cidade de Corumbá de Goiás. A outra, comandada pelos portugueses Urbano do Couto Menezes e Manoel Rodrigues Tomar, encontrou no dia 7 de outubro de 1730, uma mina de ouro no rio das Almas. Todavia, por causa das chuvas torrenciais, das roças insuficientes para essa bandeira numerosa e da presença pouco amistosa dos Caiapó, a fundação do arraial de Meia Ponte, hoje cidade de Pirenópolis, junto a esse garimpo só aconteceu em abril de 1731.

Considerados os mais indígenas bravios de Goiás, os Caiapó destruíram o arraial de Corumbá, levando os seus moradores a erguerem um novo povoado em 1733 num lugar bem próximo, porém mais seguro, já que a descoberta de dezenas de jazidas de ouro no vale desse rio impediu os garimpeiros de irem um lugar distante. Todavia, desde a criação do Distrito de Meia Ponte em 1732, o arraial de Corumbá passou para o domínio desse arraial vizinho. Nesse mesmo ano, provavelmente dia 1º de maio, quando o calendário católico reverencia a cruz de Cristo, o paulista Manoel Dias da Silva fundou, igualmente na bacia do Corumbá, o arraial de Santa Cruz, hoje cidade de Santa Cruz de Goiás. Ainda em 1733 surgiu pela iniciativa de alguns escravos, no território que hoje constitui o município tocantinense de Arraias, o arraial da Chapada dos Negros, famoso pela sua riqueza aurífera.

No dia 13 de junho de 1730 foi fundado junto ao aurífero ribeirão Santo Antônio, afluente do rio das Almas, o arraial de Santo Antônio. Nessa mesma década surgiram os arraiais de Santo Antônio da Serra Negra, de Buriti Queimado, todos eles depois vinculados ao julgado de Meia Ponte. Com a extinção do arraial de Buriti Queimado, os seus moradores fundaram, vinte quilômetros abaixo, o arraial de São Sebastião de Lavrinhas às margens do rio das Almas.

O português Manoel Rodrigues Tomar, fundador de Meia Ponte, também foi o responsável pela descoberta das riquíssimas minas do Tocantins e pelo início de quatro dos seus núcleos urbanos. Ele fundou em 1730 o arraial de Santo Antônio do Campo do

Maranhão ou do rio São João e em 1732 ao hoje extinto arraial de Água Quente. Em março de 1735 ele começou o arraial de São José do Tocantins, atual cidade de Niquelândia e em dezembro desse mesmo ano o arraial de Nossa Senhora da Conceição de Traíras, este último uma das maiores e mais importantes localidades urbanas da capitania de Goiás a qual se subordinou em seu julgado todos os demais povoados vizinhos em número de oito e da qual hoje só restam ruínas. Por fim em 1736, mais ao sul, na região subordinada ao julgado de Meia Ponte, Tomar fundou o arraial de Córrego do Jaraguá, atual cidade de Jaraguá, cujo núcleo original foi o extinto arraial de São José que ficava do lado oposto da serra de Jaraguá.

Ainda na década de 1730, mais precisamente em 1734, o paulista Domingos Rodrigues do Prado, genro de Bueno filho, fundou no atual norte goiano o aurífero arraial de Crixás, cujo nome nos reporta aos indígenas da região. Nesse mesmo ano outro bandeirante natural de São Paulo, Antônio Ferraz de Araújo, sobrinho do segundo Anhanguera, fundou o arraial de São Luiz, atual cidade tocantinense de Natividade. Em 1736 um dos companheiros (e talvez compatriota) de Tomar chamado Antônio da Silva Cordovil fundou o arraial de Cachoeira. Este sertanista deu início no mesmo ano ao arraial de Santa Rita, ambos na região subordinada ao julgado de Traíras, sob cuja égide também esteve o arraial de Muquém, cuja fundação também em 1736 através da ação do referido Antônio da Silva. Neste arraial surgiu a romaria dedicada a Nossa Senhora da Abadia. Ainda em 1736 foi fundado pelo bandeirante Carlos Marinho o arraial de São Félix e em seu julgado surgiram os arraiais do Carmo e da Chapada de São Félix, sendo que atualmente todos os três estão extintos. Em 1737 o sertanista Francisco Albuquerque Cavalcante fundou, no atual norte goiano, o arraial de Cavalcante, hoje cidade goiana de Cavalcante, em cujo julgado existiu o arraial de Flores nas margens do rio Paranã, atual cidade de Flores de Goiás. Em data imprecisa, provavelmente na primeira metade do século XVIII, dois irmãos, Domingos e José Valente, que vieram da Bahia em busca de ouro, fundaram o arraial de São Domingos, hoje a cidade goiana de São Domingos.

Em 1740 o governador da capitania de São Paulo, D. Luís de Mascarenhas, sob cujo domínio estava o território das minas goianas, fundou, com a ajuda do capitão Felipe Antônio Cardoso o arraial de Nossa Senhora dos Remédios de Arraias, hoje cidade de Arraias no Estado do Tocantins, para o qual foi transferida a população do arraial da Chapada dos Negros situado nas suas proximidades. Nesse mesmo, nas proximidades de

Córrego do Jaraguá, surgiu o arraial de São Francisco das Chagas, atual cidade de São Francisco de Goiás.

Ainda em 1740, no dia 19 de setembro, aos 85 anos de idade, faleceu o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva filho no arraial de Sant'Ana por ele fundado. Em 1739 este arraial havia sido elevado à categoria de vila com o nome mudado para Vila Boa.

Em 1741 o bandeirante paulista João Godoy Pinto da Silveira fundou o arraial de Papuã, atual cidade de Pilar de Goiás, localidade que ficou famosa pela grande riqueza de suas minas de ouro. No ano seguinte, 1742, o sertanista Amaro Leite Moreira, também natural de São Paulo, fundou o arraial de Amaro Leite ou Lavrinhas, hoje um povoado quase extinto situado município goiano de Mara Rosa. E no sertão de Amaro Leite, assim chamado por ter sido desbravado por esse bandeirante, surgiu, provavelmente nessa mesma década, o arraial de Descoberto da Piedade, atual cidade goiana de Porangatu. Em 1746 partiu de Paracatu (MG) uma bandeira comandada pelo paulista Antônio Bueno de Azevedo que no dia 13 de dezembro desse ano fundou o arraial de Santa Luzia, atual cidade de Luziânia, GO, considerada a última grande descoberta aurífera no território goiano. No julgado de Santa Luzia surgiram, provavelmente em meados do século XVIII, o arraial de Angicos destruído pelos Caiapó situado no atual município goiano de Padre Bernardo e o arraial de Santo Antônio do Descoberto, hoje cidade do mesmo nome. Ainda em 1746 surgiu o arraial de Sant'ana do Rio do Peixe no julgado de Meia Ponte, hoje o povoado da Capela do Rio do Peixe, município de Pirenópolis. Em 1749 o guarda-mor Diogo de Gouvêa Osório e Castro e o coronel Félix Caetano de Araújo, cujas origens desconhecemos, descobriram a mina de ouro da qual surgiu o arraial goiano de Cocal, sob o domínio do julgado de Traíras. Ainda em 1749 foi fundado o arraial de Anicuns, atual cidade goiana de Anicuns.

Instituída por D. João V no dia 9 de maio de 1748, a capitania de Goiás foi instalada a 9 de novembro de 1749 quando tomou posse em Vila Boa D. Marcos de Noronha, Conde dos Arcos, o seu primeiro governador. Efetivava-se assim a separação oficial do território goiano do paulista a qual pertencia desde 1726.

Em 1759 foi fundado o extinto arraial de São Miguel de Tesouras no julgado de Vila Boa. Em 1760 teve início em Minas Gerais o arraial aurífero de Nossa Senhora do Desterro das Cabeceiras do Rio das Velhas que em 1764 passou a fazer parte do território

goiano, em 1766 se tornou sede do Julgado de Nossa Senhora do Desterro do Desemboque e em 1816 voltou a pertencer a Minas Gerais, sendo atualmente um distrito do município mineiro de Sacramento. Em 1769, surgiu o arraial aurífero de Santo Antônio do Morro do Chapéu, atual cidade de Monte Alegre de Goiás, situada no nordeste do Estado. E em 1774 uma expedição sertanista fundou o arraial de Bonfim, atual cidade de Silvânia, no sul goiano, encerrando o período histórico das bandeiras que durante quase meio século em busca de ouro fundaram os primeiros núcleos urbanos de Goiás.

BIBLIOGRAFIA

BERTRAN, Paulo. *História da Terra e do Homem no Planalto Central: Eco-História do Distrito Federal, do Indígena ao Colonizador*. Brasília: Solo, 1994.

_____. (org.) *Notícia Geral da Capitania de Goiás em 1783*. Brasília: Solo, 1996. 2v.

_____. *História de Niquelândia, do Distrito de Tocantins ao Lago da Serra da Mesa*. Brasília: Verano, 1998.

CURADO, Ramir. *História, Memória e Identidade nos Arraiais de Corumbá e Meia Ponte, Estudo Comparado de Núcleos Urbanos (1730-1850)*. Dissertação apresentada no Curso de Mestrado em História das Sociedades Agrárias, inédito.

JAYME, Jarbas. *Esboço Histórico de Pirenópolis*. Goiânia, UFG, 1971. 2 v.

ROMACHELI, Maria Helena de Amorim. *História de Jaraguá*. Goiânia: Kelps, 1998.

SITES

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/arraias/historico>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Domingos_\(Goi%C3%A1s\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Domingos_(Goi%C3%A1s))

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Guarinos>

<http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,328>

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/monte-alegre-de-goias/historico>

SOBRE O AUTOR

Ramir Curado

Historiador e economista, mestre em história pela Universidade Federal de Goiás (UFG), lecionou em estabelecimentos de ensino médio e superior. Autor de livros de literatura (poesia, contos e novelas) e de pesquisa histórica e genealógica. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG); do Instituto Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE); da Academia Pirenopolina de Letras, Artes e Música (APLAM); da União Literária Anapolina (ULA); da Academia de Letras do Brasil (ALBA) e da Associação de Cultura e Defesa do Patrimônio Histórico de Corumbá de Goiás (ACDPHCG). Integra também a Corporação Musical 13 de Maio e o Coral Vozes de Corumbá.
